

Jogo dos Pontapés:

Traços da discriminação social e racial no futebol brasileiro nas crônicas de Lima Barreto¹

Juego de las Patadas:

Rasgos de la discriminación social y racial en el fútbol brasileño en las crónicas de Lima Barreto

The Kick Game:

Trait of the social and racial discrimination in Brazilian soccer in Lima Barreto's chronicles

Bianca Bosco²

Resumo

Atualmente, pode-se dizer que o futebol é um dos esportes mais populares do Brasil. No entanto, ele nem sempre abrangeu a todas as classes sociais e raciais. Em seus primórdios no país, por volta de 1900, a prática desse esporte se restringia apenas a jogadores brancos e de status social elevado, os quais não faziam questão de se juntarem a operários ou moradores do morro. O escritor carioca Lima Barreto deixava clara sua insatisfação com esse caráter excludente, chegando até a criar uma Liga Brasileira contra o Futebol. Colaborador em jornais e revistas entre 1920 e 1922, o autor registrava, por meio de crônicas, duras críticas à sociedade que apoiava ao futebol, às autoridades do Rio de Janeiro e ao esporte em si, além de ressaltar e condenar os casos de racismo, a violência entre as torcidas, a ineficácia das autoridades, a importação desnecessária de mais um costume europeu e, finalmente, a elitização que assolava o esporte. No século XXI, vemos que, mesmo se tratando de situações diferentes, os problemas acabam sendo os mesmos. O processo de elitização do futebol está se solidificando cada vez mais nos principais clubes do país e os casos de racismo nos estádios não são isolados – inclusive, vêm crescendo a cada ano. Para embasamento sobre as problemáticas do futebol na sociedade brasileira, serão consultados os autores Mário Filho (1964) e Anatol Rosenfeld (1993). Para complemento da questão do futebol no Brasil em contato com a literatura, faremos proveito da crônica “Traços a esmo” (1921), de Graciliano Ramos e Cuti (2011). Do autor Lima Barreto, serão analisadas as crônicas “O Haroldo” (1920), “Bendito Futebol” (1921), “Como Resposta” e “O Futebol” (ambas de 1922).

Palavras-chave: Lima Barreto; Futebol; Sociedade; Crônicas.

Resumen

Actualmente, se puede decir que el fútbol es uno de los deportes más populares de Brasil. Sin embargo, él ni siempre ha abarcado todas las clases sociales y raciales. En sus primordios en el país, alrededor de 1900, la práctica de ese deporte se restringía solamente a futbolistas blancos y de status social elevado, los cuales no ponían empeño en unirse a obreros o habitantes de los barrios pobres. El escritor carioca Lima Barreto dejaba clara su insatisfacción con ese carácter excluyente, llegando incluso a crear una Liga Brasileña contra el fútbol. Colaborador en periódicos y revistas entre 1920 y 1922, el autor registraba, por medio de crónicas, duras críticas a la sociedad que apoyaba el fútbol, a las autoridades de Río de Janeiro y al deporte en sí, además de resaltar y condenar los casos de racismo, la violencia entre los hinchas, la ineficacia de las autoridades, la importación innecesaria de otra costumbre europea y, finalmente, la elitización que assolaba el deporte. En el siglo XXI, vemos que, aunque se tratan de situaciones diferentes, los problemas acaban por ser los mismos. Los procesos de elitización del fútbol se están solidificando cada vez más en los principales clubes del país y los casos de racismo en los estadios no son aislados – incluso, suben cada año. Para las bases teóricas sobre las problemáticas del fútbol en la sociedad brasileña, serán consultados los autores Mário Filho (1964) y Anatol Rosenfeld (1993). Para complemento de la cuestión del fútbol en Brasil en contacto con la literatura, aprovecharemos la crónica

¹ Artigo apresentado no II Congresso Internacional Online de Estudos sobre Culturas, na modalidade online, 2020.

² Mestranda em Estudos de Literatura; Universidade Federal de São Carlos - UFSCar; São Carlos, São Paulo, Brasil; bianca-bosco@hotmail.com.

“Traços a esmo” (1921), de Graciliano Ramos y Cuti (2011). Del autor Lima Barreto, serán analizadas las crónicas “O Haroldo” (1920), “Bendito Futebol” (1921), “Como Resposta” y “O Futebol” (ambas de 1922).

Palabras-clave: Lima Barreto; Fútbol; Sociedad; Crónicas.

Abstract

Currently, it is right to say that soccer is one of the most popular sports in Brazil. However, it has not always reached all of the social and racial classes. In its first moments in the country, around the year of 1900, the practice of this sport was restricted only to white and rich men, who didn't have interest of joining together with the working class or people who lived in poor neighborhoods. The writer Lima Barreto was very clear about his dissatisfaction with this excluding factor, and even created a Brazilian League against soccer. The author also contributed in many newspapers and magazines between 1920 and 1922, and he registered in chronicles some tough criticism against people who supported soccer, Rio de Janeiro's authorities and the sport itself, besides highlighting and condemning racism cases, the violence between the fans, the authority ineffectiveness, the unnecessary importation of another European hobby and, finally, the elitization around this sport. In the 21th Century, we can see that, even living different situations, the problems end up being the same. The soccer elitization process is becoming more and more solid in the main teams from the country and the racism cases are not isolated – they are even growing every year. To form the basis about the issues that surround soccer in Brazilian society, the authors that will be consulted are Mário Filho (1964) and Anatol Rosenfeld (1993). To add information about soccer in contact with literature, will be used the chronicle “Traços a esmo” (1921), by Graciliano Ramos e Cuti (2011). From Lima Barreto, will be analyzed the chronicles “O Haroldo” (1920), “Bendito Futebol” (1921), “Como resposta” and “O Futebol” (both from 1922).

Key-words: Lima Barreto; Soccer; Society; Chronicles.

1. Introdução

O Brasil, hoje, é uma referência internacional em termos de seleção e times nacionais de futebol, além de contar com um grande número de jogadores atuando por clubes do mundo inteiro. Em 2017, o Portal Terra estimou que havia cerca de 667 times de futebol profissional, sendo que 128 faziam parte dos campeonatos e divisões organizados pela Confederação Brasileira de Futebol (BARSETTI, 2017). Porém, para chegarmos ao *status* de “país do futebol”, levou muito tempo para que o esporte pudesse, de fato, se disseminar na sociedade. Apesar de sua popularização, alguns traços do racismo que assolava a prática do futebol há mais de cem anos ainda permanecem no dia de hoje. Segundo o levantamento publicado no 5º Relatório Anual da Discriminação Racial no Futebol, nos últimos anos, o número de casos de injúria racial aumentou gradativamente: em 2014, foram registradas 20 ocorrências e, apenas 4 anos depois, em 2018, foram registradas 44 – números que se referem apenas a casos ocorridos em partidas oficiais no Brasil e denunciados.

Ultimamente, a exclusão dos torcedores pobres nos jogos dos grandes clubes do Brasil está relacionada à modernização dos estádios, que estão sendo transformados em arenas. Com os preços mais elevados, há uma parcela cada vez menor de pessoas de classe média-baixa presente assistindo aos jogos. Esse processo de (re)elitização do futebol está diretamente

ligado com o crescente número de casos de crimes raciais em partidas oficiais, como pontua Eduardo Scolese:

Do final dos anos 90 para cá, os ingressos ficaram mais caros, a geral virou numerada, os estádios se transformaram em arenas, e a camada mais pobre da população foi convidada, aos poucos, a se afastar dali. No Brasil, entre os mais pobres, três em cada quatro são negros (SCOLESE, 2017).

Ao surgir no Brasil, no final do século XIX e início do século XX, o futebol tinha um caráter exclusivo não muito diferente dos dias atuais, embora, na época, os casos de preconceito social e racial fossem mais evidenciados. Por esses e outros motivos, um dos escritores nacionais de maior destaque da época, Lima Barreto, não considerava futebol como uma boa atividade a ser praticada, acompanhada ou admirada. Denunciava, então, as injustiças e pontos negativos do futebol em suas crônicas, as quais eram publicadas principalmente em jornais e periódicos do Rio de Janeiro: “Essa coisa não é divertimento, não é esporte. Pode ser tudo, nunca isto” (BARRETO, 1920, p. 15).

As crônicas de Barreto ajudam a compreender postura da sociedade da época perante o esporte que havia sido importado de países europeus. O ponto de vista do autor revela apatia e pessimismo sobre futebol, não deixando de destacar seus aspectos negativos, como o preconceito e exclusão da população de classe médio-baixas e moradores de favela e a violência entre as torcidas. Assim, é possível relacionar as problemáticas da época com o conceito de futebol nos dias atuais, refletindo e buscando compreender os aspectos, desde o início, que resultaram no esporte que o Brasil conhece hoje.

2. Primórdios do futebol no Brasil

Em 1894, o brasileiro de origem inglesa Charles W. Miller trouxe consigo, depois de uma viagem à Europa, uma bola de futebol e ensinou os sócios de um clube de *cricket* da alta sociedade paulistana a jogar uma partida. Anos depois, a prática do esporte se alastrou para outras cidades até chegar, finalmente, na capital carioca. Lá, assim como em São Paulo, só era permitido jogar quem fosse da alta sociedade e quem fosse branco:

O futebol importado, *made in England*, tinha de ser traduzido. Enquanto não se traduzisse e se abrisse, quem gostasse dele precisava familiarizar-se com os nomes ingleses. De jogadores, de tudo. Em campo um jogador que se prezasse tinha de falar em inglês. Ou melhor: gritar em inglês. (FILHO, 1964, p. 5, grifos do autor).

Nessa época, a participação máxima de meninos e homens pobres era como torcedores ou gandulas. “‘Os moleques’ (meninos, sobretudo de cor, das camadas inferiores), que

assistiam aos treinos dos ginásios e estudantes, aproveitavam cada bola que saía de campo para, antes de chutá-la de volta, experimentar a força de seus pés” (ROSENFELD, 1993, p. 81).

O *The Bangu Athletic Club*, da cidade do Rio de Janeiro, foi fundado em 1904 e é considerado um dos clubes mais importantes para a inserção de negros e operários dentro desse esporte. O clube fora formado por ingleses no subúrbio de Bangu, porém, pelo seu campo não ser situado nas áreas mais nobres da cidade, os outros times encontravam dificuldade para locomoção. Então, foram chamados para jogar como adversários os trabalhadores daquela região. Assim, em 1913, já havia times com jogadores que eram operários e negros – eram considerados clubes pequenos, mas existiam.

Com isso, no entanto, surgiram os casos de violência causados pelas partidas. Se o Bangu ganhasse de algum time da cidade, não haveria problemas; no entanto, se o Bangu perdesse, torcedores banguenses praticavam atos de vandalismo contra o time adversário, cujos jogadores só saíam do vestiário escoltados pela polícia.

No fundo, luta de classe, sem ninguém dar por isso, é claro. Todos levando a coisa mais para a rivalidade entre o clube do subúrbio e o clube da cidade. Rivalidade que se acentuava de um lado só, do lado do clube do subúrbio. O clube do subúrbio se afastando, ficando cada vez mais longe, querendo até se separar. Separar por quê? Porque se sentia outro clube, outra gente (FILHO, 1964, p. 21).

Além das questões sociais, a questão do racismo sempre foi muito presente no futebol e, por mais que hoje o preconceito nesse âmbito tenha regredido, sabe-se que ainda existe. Um dos casos mais famosos é o de Carlos Alberto, carioca mulato que jogou no Fluminense em 1914. A história que é contada por muitos é que o atleta fazia uso de pó de arroz em seu rosto para “esbranquiçar” a pele antes das partidas, pois “(...) entrando para o Fluminense, [Carlos Alberto] se sentiu mais mulato. O único mulato num time de brancos” (FILHO, 1964, p. 45). O site oficial do clube, no entanto, nega que o uso do produto fora utilizado para “embranquecimento” da pele, dizendo que, anos antes da transferência de Carlos Alberto ao tricolor carioca, já haviam passado jogadores negros pelo clube. De uma forma ou de outra, o jogador fora hostilizado por tal costume.

Mesmo com a inserção de jogadores negros no futebol da cidade, eles ainda sofriam discriminação dentro de campo. Além de serem minoria, eles deveriam apenas fazer passes tímidos para que os jogadores brancos pudessem decidir e se destacarem durante a partida: “Os pretos muito visados, quase não podendo fazer nada em campo. [...] Quando um preto

metia o pé num branco, era sururu na certa. Todo mundo achando que o preto devia ser posto para fora de campo.” (FILHO, 1964, p. 80). Se algum torcedor negro se portasse da mesma maneira que o branco, apanhariam e sofreriam injúrias raciais.

Foi só em 1919, cinco anos depois da fundação da seleção brasileira de futebol, que o país foi ter um jogador de importância reconhecidamente nacional – e internacional – ao fazer o gol da vitória na decisão do Campeonato Sul-americano, que hoje é a Copa América. O atacante Arthur Friedenreich, filho de um servidor público alemão e uma professora negra, era mulato e atuou pela seleção de 1914 a 1925. A partir dele, a quantidade de homens negros praticando – e acompanhando – futebol aumentou gradativamente:

Na medida em que começou a se comprovar o mesmo valor dos jogadores de raça negra – a princípio posto em dúvida pelo próprio homem de cor – cresceu simultaneamente a autoconsciência das massas e elas começaram a sentir o jogador negro ou mulato como seu representante (ROSENFELD, 1993, p. 99).

Assim, tanto pelo caráter elitista quanto pela devagar inclusão de pessoas negras e pobres no esporte, o futebol não agradava a algumas pessoas que acompanhavam o cenário de uma perspectiva distante.

3. Futebol x Literatura no Brasil no início do século XX

Por conta dessa introdução conturbada e problemática do futebol em terras nacionais (em termos sociais), alguns escritores brasileiros não se sentiram contemplados pela novidade. Seu surgimento no Brasil coincidiu com a época de ascensão de artistas modernistas – que, mais tarde seriam responsáveis pela realização da Semana de Arte Moderna de 1922. Um dos grandes problemas, para eles, era o fato de que o futebol era de origem europeia, como defende Bernardo Borges Buarque de Hollanda: “À luz do nativismo, do primitivismo e do nacionalismo modernista, o futebol constituía mais um fenômeno típico da ‘dependência cultural’ e situava-se no mesmo processo urbano-industrial que solapava as diferenças” (2004, p. 53, grifos do autor).

O escritor Graciliano Ramos, que ainda não havia publicado nenhum de seus romances, deixou claro em sua crônica “Traços a esmo” como enxergava o futebol e o que esperava desse novo esporte: “um entusiasmo de fogo de palha capaz de durar bem um mês” (RAMOS, 1921, p. 2). Além disso, condenava a internacionalidade do esporte e defendia que não tinha nada ver com o povo brasileiro: “Temos esportes, alguns propriamente nossos,

batizados patrioticamente com bons nomes em língua de preto, de cunho regional, mas por desgraça estão abandonados pela débil mocidade de hoje” (RAMOS, 1921, p. 2).

O escritor também acreditava ser desnecessário o surgimento de mais uma atividade – ainda mais por esta ser europeia –, justamente por termos outros esportes tipicamente brasileiros que podiam, de forma mais completa, cumprir o papel do futebol na vida da sociedade:

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo? Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não (RAMOS, 1921, p. 2).

Ao final da crônica, o então colunista reafirma seu caráter regionalista ao dizer que talvez o futebol “pegue” no litoral, onde estão as cidades grandes, mas no sertão, não. Assim, Graciliano evidencia a distinção entre norte e sul do Brasil. Segundo ele, os costumes sertanejos não mudarão devido a uma moda passageira e, principalmente, internacional, explicitando também diferenças entre seu povo e a população da parte sul do Brasil.

Nas cidades assiste-se, cochilando, à representação de peças que poucos entendem, mas que todos aplaudem, ao sinal da claqué; entre nós há criaturas que nunca viram um gringo. (...) Estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho. O futebol, o boxe, o turfe, nada pega (RAMOS, 1921, p.2).

Além de Graciliano, outros escritores registraram suas insatisfações em relação ao novo esporte por meio de suas obras. Em *Macunaíma* (1928), de Mário de Andrade, o preguiçoso herói, cuja personalidade refletia a sociedade brasileira da época, se via contra o futebol. No romance, o autor “representava ficcionalmente o futebol como uma das três pragas que assolavam o país. Ao lado do bicho-do-café e da lagarta rosada, o futebol (...) era uma peste que infestava as cidades e que se alastrava pelos campos do Brasil” (HOLLANDA, 2004, p. 52).

4. Lima Barreto e sua liga brasileira contra o futebol

Lima Barreto sempre fora ligado a questões sociais do Rio de Janeiro do começo do século XX. Neto de escravos e filho de pais mestiços, o autor, por volta de 1907, já colaborava com vários jornais e revistas da cidade. Seu primeiro romance a ser publicado foi *Recordações do Escrivão Isaías Caminha* (1909) e, já nesta obra, se revelava seu estilo crítico de escrita. Tratando de assuntos de grande polêmica na época (alguns, polêmicos até hoje), o

autor aproveitava seus espaços na imprensa da época para expor suas opiniões, por mais impopulares que fossem.

Seu desafeto com o futebol que era, na época, recém-chegado no país, deve-se a discriminação racial e social que os negros e pobres sofriam nesse meio, além de que não lhe agradava o fato de um esporte europeu tomando conta das ruas e do povo: “Lima Barreto viera da pequena classe média suburbana, e como suburbano reagia em termos de conservantismo sentimental. Podíamos filiar sua xenofobia a um natural instinto de defesa étnico” (BOSI, 2001, p. 317).

Em 1920, quando foi publicada a crônica “O Haroldo”, na revista *O Careta*, sua maior crítica era à elitização do futebol. É a história de um moço chamado Haroldo Hartings, descendente de dinamarqueses, que estudava para ser advogado. Mesmo com altas expectativas e otimismo sobre o futuro do homem na área, ele acaba frustrando a todos e decide mudar-se para os Estados Unidos, para se formar em outra área. Lá, não estuda e, quando volta, ao ver vários amigos e conhecidos bem sucedidos, resolve que precisa de uma profissão. Assim, recorda-se de que, quando em terras americanas, ele praticou futebol e demonstrou certa habilidade: “Fez-se apóstolo desse jogo de pontapés e, graças a sua fortuna, em breve, era uma celebridade nele” (BARRETO, 1920, p. 18). Nesse caso, o personagem recorreu ao futebol depois de desapontamentos na área acadêmica e, como provinha de família rica, seu triunfo era eminente:

Percebe-se que o cronista não se refere à fortuna conquistada por intermédio do futebol, mas àquela preexistente que atua como facilitadora da conquista da fama naquele esporte. E o texto objetiva desqualificar o esporte, colocando-o como ocupação daqueles que não têm talento para atividades profissionais valorizadas na época, em particular as que exigiam estudo (CUTI, 2011, p. 83-84).

Ao comparar a profissão de jogador de futebol com a de doutores, percebe-se também a valorização do cargo na sociedade da época. Barreto volta a criticar esse aspecto em sua crônica “Como Resposta” (1922), onde o autor mostra-se incomodado com a importância dada ao esporte: “Os jornais não falavam em outra coisa. Páginas e colunas deles eram ocupadas com histórias de *matches*, de intrigas de sociedade, etc, etc. Nos bondes, nos cafés, nos trens não se discutia senão futebol” (BARRETO, 1922, p. 8, grifos do autor). Afirma ainda que sua “Liga” (a Liga Brasileira contra o Futebol) havia morrido, mas ele não havia morrido ainda – ironicamente, ele viria a falecer cerca de sete meses depois –, e encerra com um enfático: “Combaterei sempre o tal de futebol”.

Cerca de três meses depois da publicação de “Como Resposta”, o cronista volta a repreender a forma como as autoridades tratam o futebol e seus simpatizantes. Em “O Futebol”, ele explicita como o esporte é violento e causa desavenças na sociedade, enquanto isso, o trabalho da polícia parece ser ineficiente no combate a depredação causada pela revolta dos torcedores. Ressalta, inconformado, as notas dos jornais que relatam casos de agressões e assassinatos: “Não é possível que as autoridades policiais não vejam semelhante coisa” (BARRETO, 1922, p. 37). Repreende também aos torcedores causadores de tamanha baderna, cujo comportamento é pior do que o de apostadores de brigas de galo: “Entre eles, não há questões, nem rolos. As apostas correm em paz e a polícia não tem que fazer com elas; entretanto, os tais de *footballers* todos os domingos fazem rolos e barulhos e a polícia passa-lhes a mão pela cabeça” (BARRETO, 1922, p. 37, grifos do autor).

Na crônica “Bendito Futebol”, de 1921, o carioca critica duramente e em tom sarcástico a “febre” desse esporte no Brasil: “Não há dúvida alguma que o futebol é uma instituição benemérita, cujo rol de serviços ao país vem sendo imenso e parece não querer ter fim” (p. 5). Assim, ele segue elencando tais “benefícios”, como a importância que a imprensa e eventos da cidade dão para alguns jogadores que, segundo ele, não teriam destaque nenhum para o povo, se não fosse pela sua profissão de jogador.

Depois, comenta, ainda ironicamente, sobre as brigas e confusões causadas por torcedores após os jogos, ressaltando que isso não ocorria apenas entre os times da capital carioca, mas também entre torcidas do Rio de Janeiro e São Paulo: “ele [o futebol] tem conseguido, graças a apostas belicosas e rancorosas, estabelecer não só a rivalidade entre vários bairros da cidade, mas também o dissídio entre as divisões políticas do Brasil” (BARRETO, 1921, p. 5).

Num tom mais sério, afirma que o futebol é um “fator de dissensão” e comenta sobre a decisão do Sacro Colégio de Futebol (do Brasil) de não levar homens negros para representar o Brasil em um evento futebolístico na Argentina. No caso, nem o presidente da República havia intervindo na decisão. Critica intensamente a discriminação racial implícita em tal ato: “Foi sua resolução de que gente tão ordinária e comprometedora não devia figurar nas exportáveis turmas de jogadores; lá fora, acrescentou, não se precisava saber que tínhamos no Brasil semelhante esterco humano” (BARRETO, 1921, p. 5). A deliberação feita pelas autoridades futebolísticas demarca um grave caso de racismo, antes mascarado apenas pelas

divergências de classes sociais. O cronista, no entanto, não vê surpresa, é apenas mais uma prova para reforçar o que ele defende há tempos:

A providência, conquanto perspicazmente eugênica e científica, traz no seu bojo ofensa a uma fração muito importante quase a metade da população do Brasil; deve naturalmente causar desgosto, mágoa e revolta; mas – o que há de se fazer? O papel do futebol, repito, é causar dissensões no seio da nossa vida nacional. É sua alta função social (BARRETO, 1921, p. 5).

Critica, também, o gasto público que o futebol causa desnecessariamente (em sua visão), sendo que grande parte das verbas públicas seriam pagas pelas pessoas de cor e, para isso, faz uso de seu tom sarcástico novamente:

O que me admira, é que os impostos, de cujo produto se tiram as gordas subvenções com que são aquinhoadas as sociedades futebolescas e seus tesoueiros infiéis, não tragam também a tísna, o estigma de origem, pois uma grande parte deles é paga pela gente de cor. Os futeboleiros não deviam aceitar dinheiro que tivesse tão malsinada origem. Aceitam-no, entretanto, cheios de satisfação (BARRETO, 1921, p. 5).

Barreto sugere que os problemas financeiros do futebol poderiam ser resolvidos se fossem redirecionadas para fins futebolísticos, as verbas com que o doutor Belisário Pena, um importante funcionário da Diretoria Geral de Saúde Pública, socorria as comunidades mais carentes e doentes do Rio de Janeiro:

Dava-se o seguinte: o futebol ficava mais rico e mais branco; e a gente de cor, de que se compõe, em geral, os socorridos por aquele doutor, acabava desaparecendo pela ação da malária, a opilação e outras moléstias de nomes complicados que não sei pronunciar e muito menos escrever. (BARRETO, 1921).

Termina sua crônica com um tom amargurado, de quem passa a cada dia mais desgostar do esporte por trazer tanta desigualdade, violência e injustiça à tona, como se o futebol despertasse o pior do brasileiro. No caso desse registro, o autor revolta-se por, além do caso se tratar de futebol, envolvia discriminação racial, que é assunto muito frequente em seus romances e crônicas: “Conhecer a teoria racista, vê-la incorporada no cotidiano de sua época, sentir, por experiência própria, a violência daquela prática e ser capaz de detectá-la literariamente foi o grande legado de Lima Barreto” (CUTI, 2011, p. 92).

Portanto, pode-se dizer que a apatia de Barreto em relação ao futebol consistia nas injustiças e prejuízos a sociedade de época, uma vez que tais pontos poderiam provocar o prolongamento desses aspectos na sociedade – os quais já eram enraizados muito antes da chegada do esporte no Brasil.

5. Futebol brasileiro no século XXI

Nos dias atuais, sabe-se que as previsões que fizeram alguns autores sobre o esporte não se popularizar em território brasileiro não foram acertadas, porém as problemáticas que o assolavam em seus primeiros momentos ainda se fazem presente. Segundo o 5º Relatório da Discriminação Racial no Futebol de 2018, os casos de racismo mais do que dobraram de 2014 para 2018, totalizando 102 casos apenas nesse período de quatro anos – lembrando que apenas são contabilizadas as ocorrências denunciadas formalmente. Enquanto isso, o processo de elitização do futebol continua crescendo cada vez mais: o preço abusivo dos ingressos tem sido motivo de protesto e causado esvaziamento dos estádios em algumas partidas. Quanto aos confrontos entre torcedores, a taxa de violência nos estádios ou brigas causadas por torcedores ainda se mostra significativa, mesmo com a implantação de medidas preventivas em alguns estados – as quais não se mostraram totalmente eficientes.

Esse panorama revela que, mesmo após quase um século, o futebol pode ainda conter traços que revelam questões sociais e raciais de antigamente: agora, ele está muito mais inserido em nossa cultura do que antes, porém, algumas características atuais tem origem em seus costumes provenientes do futebol europeu recém-chegado ao Brasil.

5.1 A elitização do esporte

A elitização do futebol está acontecendo há muitos anos e, ultimamente, o debate desencadeado por ela vem ganhando cada vez mais espaço na mídia. Esse processo consiste em tornar a experiência futebolística acessível para apenas uma parte da torcida, assim, excluindo a taxa de torcedores de classes sociais mais baixas. O preço do ingresso, de produtos oficiais do clube, das mensalidades de programas de sócio torcedor, entre outros, contribuem para que o afastamento dos torcedores mais pobres vá se concretizando cada vez mais. Em 2000, o ex-jogador da Seleção Brasileira e colunista da Folha de São Paulo, Tostão observava de perto esse processo de exclusão e lamentava: “O Brasil é um país pobre, e o futebol ainda é a melhor diversão acessível ao povo. Brevemente, nem isso. Sem pão e futebol nos estádios, só restará o circo (futebol e programas de auditório na TV).” (2000). Ele previu também que, se o Brasil sediasse a Copa do Mundo, teria ingressos com preços exorbitantes: “Se a Copa de 2006 for no Brasil, os preços dos ingressos serão altíssimos, e somente irão aos estádios convidados, premiados e os torcedores mais ricos³” (2000).

³ O único equívoco do colunista, como se sabe hoje, foi que a Copa sediada no Brasil foi em 2014, e não em 2006, como ele supôs.

Hoje, o preço dos ingressos de jogos em estádios no Brasil em torneios nacionais é um dos mais caros do mundo, mesmo com algumas medidas estabelecidas pelo governo. O Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro, o Profut, foi sancionado pela presidenta Dilma Rousseff em 2015, e determina que os times que mantiverem uma oferta de ingressos a preços populares têm direito a negociar suas dívidas fiscais com o governo. No entanto, não designa o número de tais ingressos nem limita seus preços. Dessa forma, a taxa de ingressos populares nem sempre se mostra eficiente e abrangente a todos os torcedores de baixa renda.

Em 2015, os jornalistas Rodrigo Capelo e Giovana Tarakdjian analisaram que um torcedor brasileiro que recebe o salário mínimo deveria trabalhar mais horas para conseguir ver seu time no estádio do que torcedores de times alemães, espanhóis, ingleses, portugueses, italianos, argentinos, estadunidenses e franceses. Eles tomaram como exemplo o torcedor do Cruzeiro, de Minas Gerais, e do Bayern de Munique, da Alemanha:

Um torcedor brasileiro precisa trabalhar dez horas e 18 minutos para comprar um ingresso, o mais barato, do Cruzeiro. Se o sujeito quiser ir ao Mineirão todo domingo, agora que o time não disputa mais a Copa do Brasil, precisa dedicar quase um quarto da carga de trabalho semanal só para comprar a entrada. Sem considerar transporte, talvez estacionamento, alimentação dentro ou fora do estádio. Um alemão, no lado oposto, tem de ficar na labuta uma hora e 48 minutos para assistir a uma partida do Bayern de Munique. (CAPELO e TARAKDJIAN, 2015).

Esse processo de encarecimento dos ingressos está ligado a diversos fatores, sendo um dos maiores deles a “arenização” dos estádios brasileiros. Com isso, os programas de sócio-torcedor dos clubes vêm aparecendo com mensalidades cada vez mais caras, favorecendo sempre quem paga mais na hora da compra de ingressos. São poucos os times que, de fato, contam com uma modalidade para torcedores de baixa renda, como Bahia, Fortaleza e Internacional pela série A do Campeonato Brasileiro e Remo e Paysandu, das divisões inferiores.

As consequências de privilegiar os torcedores mais ricos existem, porém, pela existência dessa mesma parte da torcida, que pode desembolsar um dinheiro exorbitante para acompanhar seu time ao vivo no estádio, a ausência de torcedores de classes sociais inferiores não parece incomodar a maioria da diretoria dos clubes:

A taxa de ocupação do campeonato nacional não chega nem a 50% nos estádios. Nesse cenário, excluir torcedores da festa do futebol a partir do bolso é um crime sem justificativa, ainda mais grave no caso de clubes que enchem o peito para se vangloriar de sua popularidade. (PIRES, 2019).

A exclusão dos torcedores pobres foi um problema muito criticado por Lima Barreto e, embora se tratem de cenários diferentes, ainda é um problema existente. Vários clubes foram criados ao longo dos anos e, muitos deles, têm como fundadores trabalhadores, operários e imigrantes de baixa renda. Hoje, esses mesmos times parecem estar renegando suas origens e seus torcedores de classes sociais inferiores em nome dos lucros.

4.2 Casos de racismo

O preconceito racial é um problema que ainda enfrentamos por todo o mundo. No Brasil, país onde mais da metade da população se declara negra ou parda⁴, o racismo nos campos de futebol vem crescendo a cada ano. Esses episódios podem acontecer envolvendo tanto a torcida, quanto os jogadores, comissão técnica e equipe de arbitragem das partidas. Por ser um meio historicamente elitizado e, teoricamente, destinado apenas para pessoas do sexo masculino, a discriminação racial é a que tem o maior índice de ocorrência (aproximadamente 62%) no futebol, mas não este não é o único preconceito que se faz presente no esporte: casos de LGBTfobia, machismo e xenofobia também são frequentes e relatados às autoridades. Segundo o 5º Relatório da Discriminação Racial de Futebol de 2018, foram 44 episódios registrados como “supostos casos de racismo” ou “denúncia de racismo”, sendo 29 desses casos dentro de estádios de futebol.

As ocorrências têm oscilado conforme os anos, mas até 2018, vinham crescendo: em 2014, registraram-se 20 ocorrências; em 2015, houve um salto para 35 casos; em 2016, esse número caiu, quando foram registradas 25 ocorrências; e em 2017 e 2018, os registros foram crescendo: 43 e 44 casos, respectivamente. Vale lembrar que esses índices representam apenas as ocorrências que foram denunciadas.

A pena para aqueles que cometerem um crime de caráter racial no futebol pode ser destinada tanto para o indivíduo (ou grupo de indivíduos) quanto para o clube, sendo este segundo o caso mais comum:

O Código Brasileiro de Justiça Desportiva prevê penas duras para esta prática criminosa, inclusive com a exclusão do clube do torneio. A exclusão do time envolvido, daquele campeonato, pode parecer uma pena injusta e desproporcional, pois, afinal, foi apenas um grupo de indivíduos (não evoluídos) que cometeu o ato. Nada obstante, a partir do momento em que você pune a agremiação em razão do ato criminoso praticado por determinado grupo, possivelmente não haverá reincidência, pois os

⁴ Segundo o IBGE, em 2018, 45,5% dos brasileiros se declaravam pardos; 9,3% se declaravam negros; e 43,1% se declaravam brancos.

dirigentes terão cuidados redobrados no tocante a fiscalização de seus torcedores. (VEIGA, 201-).

Embora exista a possibilidade, a exclusão de clubes dos respectivos torneios onde ocorreu o crime não é algo recorrente, pois muitos dos acusados dos casos são absolvidos após julgamento.

4.3 Violência nos estádios

O número de episódios de violência nos estádios de futebol vem oscilando bastante na última década. Mesmo com as tentativas dos governos estaduais de reduzirem ao máximo o confronto entre torcedores, nenhuma das medidas tomadas até agora se mostrou muito efetiva. Em 2013, a morte de torcedores atingiu seu número mais alto dos últimos 10 anos: foram 30 mortes registradas. Desde então, esse número vinha caindo, até 2018, quando deu uma leve elevação: em 2014, foram 18 mortes; 2015, foram 15; 2016, 13 mortes; 2017, 10 casos; 2018, foram 13 mortes; e 2019 registraram-se 3 mortes. Apesar do declínio na taxa de homicídios nos últimos anos, segundo pesquisas do programa de Pós-Graduação da Universidade Salgado de Oliveira, em 2019 foram registradas cerca de 160 eventos violentos durante as 38 rodadas do Campeonato Brasileiro – e o consumo de álcool está relacionado a 76% desses eventos.

Uma das medidas tomadas pelas autoridades para tentar reduzir o número de confrontos é a torcida única, que impede que torcedores de times rivais assistam aos jogos no mesmo estádio em dias de clássicos. Essa medida está, no entanto, vigente desde 2016 no estado de São Paulo e não tem se mostrado tão efetiva quanto o esperado, pois os eventuais confrontos entre as torcidas adversárias podem ocorrer em qualquer outro lugar antes ou após o jogo: “Torcidas organizadas de Corinthians, Palmeiras, Santos e São Paulo continuam fortes, com influência importante na gestão dos clubes. E atos violentos se repetem fora dos estádios” (PROSPERI, 2020). O Ministério Público defende esta condição, pois, além do número brigas ter diminuído dentro dos estádios, o número de policiais nos jogos pode diminuir significativamente também. A torcida, no entanto, não se sente beneficiada com tal decisão, que acaba sendo afastada mais uma vez do estádio e de seu time. Além disso, confrontos entre policiais se mostram cada vez mais frequentes em todo o Brasil. Na tentativa de conter os conflitos – que ainda existem nos estádios –, há uso desenfreado de tiros de borracha, bombas de gás de efeito moral, além de força excessiva.

5. Conclusão

Quase 100 anos depois das considerações de Lima Barreto sobre o futebol, podemos dizer que, por mais que a sociedade brasileira tenha progredido em alguns aspectos, ainda há muito a ser feito. Casos de racismo são vistos no futebol até hoje, principalmente entre times da América do Sul. Também, no Brasil, muitos setores de saúde e educação pública se veem em situação precária, enquanto há uma renda consideravelmente grande para aqueles que trabalham com futebol nos times mais populares. A alienação sobre a qual Lima Barreto se referiu também está presente nos dias de hoje. Erraram apenas, ele e Graciliano Ramos, ao dizer que o futebol não iria durar em terras brasileiras. Barreto consegue, de forma inteligente, analisar os pontos ruins e explicitá-los ao seu leitor, o que causa uma reflexão aprofundada.

Ao fazer a relação desses problemas com o cenário atual, é possível entender a origem dos aspectos que ainda são características do esporte atualmente e, também, compreender o processo de elitização que o futebol vem sofrendo. Após muitos anos, foi possível amenizar e reduzir cada vez mais as exclusões de classe social e racial dentro desse esporte, porém, atualmente, há uma nova tendência de afastamento de torcedores pobres em estádios de futebol, que é ocasionado, entre outros fatores, pelo alto valor dos ingressos. Junto a isso, o crescente número de casos de injúria racial denunciado nos últimos anos também é um fator que contribui para o regresso do futebol em questões de inclusão. Por conta desse retrocesso, a análise de Lima Barreto se faz presente e relevante, mesmo após tantos anos.

6. Referências

- BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. 39. ed. São Paulo: Cultrix. 2001.
- BARRETO, L. *Crônicas para jovens*. 1. ed. São Paulo: Global Editora e Distribuidora. 2017.
- _____. Bendito futebol. *O careta*. Rio de Janeiro, 1 out. 1921, n. 693, p. 5. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital.
- _____. Como resposta. *O careta*. Rio de Janeiro, 8 abr. 1922 n.720, p. 8. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/ Hemeroteca Digital.
- _____. Divertimento? *O careta*. Rio de Janeiro, 4 dez. 1920, n. 650, p. 15. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital.
- _____. O futebol. *O careta*. Rio de Janeiro, 1 jul. 1922, n. 732, p. 37. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/ Hemeroteca Digital.
- _____. O Haroldo. *O careta*. Rio de Janeiro, 4 dez. 1920, n. 650, p. 18. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/ Hemeroteca Digital.
- BARSETTI, S. Brasil começa 2017 com 667 times profissionais no futebol. *Terra*. Rio de Janeiro. 24 fev. 2017. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/futebol/brasil->

[comeca-2017-com-662-times-profissionais-no-futebol_36a1936f4e0da65e23cfa795fe6549f3ke4y112a.html](https://globo.com/brasil/noticia/2017/08/28/comeca-2017-com-662-times-profissionais-no-futebol_36a1936f4e0da65e23cfa795fe6549f3ke4y112a.html). Acesso em: 2 ago. 2018.

CAPELO, R.; TARAKDJIAN, G. A elitização do futebol: ingresso brasileiro é o mais inacessível do mundo. *Época*. 28 ago. 2015. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/esporte/noticia/2015/08/elitizacao-do-futebol-ingresso-brasileiro-e-o-mais-inacessivel-do-mundo.html>. Acesso em 16 mai. 2020.

COSTA, G. Por que tantas mortes? *Uol*. Disponível em: <https://www.uol.esporte/especiais/especial-violencia-torcedores.htm>. Acesso em: 15 mai. 2020.

CUTI. *Lima Barreto*. 1. Ed. São Paulo: Selo Negro Edições. 2011. (Coleção Retratos do Brasil Negro).

FILHO, M. *O negro no futebol brasileiro*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A. 1964.

HOLLANDA, B. B. B. de. *O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições Biblioteca Nacional. 2004.

RAMOS, G. Traços a esmo. *O índio: jornal independente, literário e noticioso*. Palmeira dos Índios, 27 fev. 1921, n. 5, p. 2. Fonte: Biblioteca Nacional Digital/Hemeroteca Digital.

RELATÓRIO anual da discriminação racial no futebol 2018/Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Museu da UFRGS. Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2019.

ROSENFELD, A. *Negro, macumba e futebol*. 1. ed. São Paulo: Editora Perspectiva; Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo: Edusp. 1993. (Coleção Debates).

OLIVEIRA, A. de. Lima Barreto, uma voz que nasceu negra na literatura. *El País*. São Paulo. 24 jun. 2017. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2017/06/23/cultura/1498244164_829345.html. Acesso em: 2 ago. 2018.

OLIVEIRA, N.; ARAUJO, A. L. Brasil dá respostas insuficientes à violência de torcidas. 10 dez. 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/brasil-da-resposta-insuficiente-a-violencia-de-torcidas>. Acesso em 14 mai. 2020.

PIRES, B. A sina dos torcedores mortos por policiais. *El País*. 13 set. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/12/deportes/1536707395_262251.html. Acesso em: 16 mai. 2020.

_____. A violência no futebol como um retrato do Brasil. *El país*. 31 dez. 2017. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/28/deportes/1514427700_914142.html. Acesso em 18 mai. 2020.

_____. Os 'times do povo' que rejeitam o povo. *El país*. 22 set. 2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/21/deportes/1569020227_860639.html. Acesso em: 16 mai. 2020.

População que se declara preta cresceu 32,1% nos últimos 6 anos. IG Último Segundo. 22 mai. 2019. Disponível em: <https://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/2019-05-22/populacao-que-se-declara-preta-cresceu-321-nos-ultimos-6-anos-em-todo-o-brasil.html>. Acesso em: 16 mai. 2020.

PROSPERI, L. A. Ditadura policial avança no futebol brasileiro. Carta Capital. 6 mar. 2020. Disponível em: <https://chuteirafc.cartacapital.com.br/ditadura-policial-avanca-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 16 mai. 2020.

SCOLESE, E. O futebol moderno afasta pobres e negros dos estádios. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 3 jul. 2017. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/eduardo-scolese/2017/07/1897956-o-futebol-moderno-afasta-pobres-e-negros-dos-estadios.shtml>. Acesso em: 5 ago. 2018.

TOSTÃO. Elitização do futebol. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 22 mar. 2000. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk2203200026.htm>. Acesso em 15 mai. 2020.

VEIGA, M. de F. C. da. O racismo no futebol e a omissão das autoridades. *Observatório da Discriminação Racial no Futebol*. Disponível em: <https://observatorioracialfutebol.com.br/textos/visao-juridica/o-racismo-no-futebol-e-a-omissao-das-autoridades/>. Acesso em 15 mai. 2020.